

Bispos debatem manutenção da vida através de máquinas ⁷³

ITAICI, SP — O Bispo de Ilhéus, D. Valfredo Tepe, afirmou ontem em Itaici, ao comentar o estado de saúde de Tancredo Neves, que do ponto de vista da moral católica, "se se constatar que a morte é irreversível e que as máquinas apenas sustentam artificialmente um processo em que a recuperação não é mais prevista, é chegado o momento de o cidadão ter o direito de morrer dignamente e não ser torturado indefinidamente".

O Bispo, especialista em teologia moral, admitiu que esse poderia ser, em tese, o caso de Tancredo Neves, embora tivesse ressaltado que não tem os critérios médicos para garantir que não há mais possibilidade de sobrevivência e o processo de deterioração do organismo é irreversível.

D. Valfredo Tepe, autor do livro "O sentido da vida", explicou que a Igreja condena a eutanásia ativa e citou como exemplo um caso de doente com

câncer a quem fossem ministradas doses elevadas de medicamentos para acelerar a morte. Porém, do ponto de vista moral, explicou, não há obrigação de se usar meios extraordinários para prolongar a vida, quando, naturalmente, ela chegou no ponto de se encerrar.

— No caso da eutanásia passiva, há tal estado de deterioração que não há praticamente condições de manter a vida. Aí existe um direito natural de morrer com dignidade — explicou.

Contudo, o Bispo explicou que são muito discutidos os critérios para definir o momento em que o caminho para a morte é irreversível e quem pode apontar este momento —

o médico, a família, a Justiça ou o próprio paciente, se tiver deixado comunicação expressa nesse sentido.

— A medicina — afirmou — tem que se render a evidência de que ninguém tem vida eterna. A natureza chega ao fim e há momentos em que fica sem sentido o esforço desesperado que não levará a resultado algum. Mas esse critério, à definir se há ou não possibilidade de recuperação, não é moral, é médico.

Por sua vez, o Padre Antônio Silva, professor de teologia moral no Seminário Bom Jesus, de Aparecida, explicou que, embora não haja um consenso em torno do assunto, em geral se aceita como critério para definir essa situação o momento

A medicina tem que se render à evidência de que ninguém tem vida eterna. A natureza chega ao fim

D. VALFREDO TEPE, Bispo e teólogo

em que deixa de existir atividade cerebral.

Mas há casos em que os registros cerebrais desapareceram e depois foram retomados. Para o médico, é difícil dizer que deixou de haver vida pessoal e existe apenas uma vida celular. É difícil para ele confessar a derrota. Mas acho que há momentos em que, moralmente, ele deve confessar a sua impotência e entregar a Deus a vida que é de Deus — opinou.

O Arcebispo de Aparecida, D. Geraldo Penido, observou, por sua vez, que "há momentos em que a Igreja permite que se desligue os artefatos que mantêm a vida, quando eles seriam fonte de um maior sofrimento, sem esperança".

O Bispo de Campo Grande, D. Vitorio Pavanello, afirmou que, "quando a pessoa está clinicamente morta a Igreja está de acordo em que se desliguem os aparelhos". Destacou, porém, que pelas informações oficiais, esse não é o caso de Tancredo Neves.

A mulher de Tancredo, D. Risoleta, enviou carta aos bispos brasileiros reunidos em Itaici, na 23ª Assembléia Geral da CNBB, agradecendo a visita que recebeu, na quarta-feira da semana passada, de uma comissão formada pelos Cardeais D. Avelar Brandão Vilela, D. Paulo Evaristo Arns e pelo Vice-Presidente da CNBB, D. Benedito Ulhoa Vieira.

É a seguinte a carta, manuscrita, lida ontem pela manhã durante a reunião plenária:

"Aos caríssimos senhores bispos: "Em nome de Tancredo e de toda a família, agradeço aos senhores as orações constantes neste momento de cruz, no qual a fé torna mais forte a esperança e a confiança nos desígnios de Deus". A carta é datada do dia 13.

Vários bispos, em função do agravamento do estado de saúde de Tancredo, já deixaram a Assembléia de Itaici, retornando a suas dioceses. Além dos prelados de Belo Horizonte — D. João Rezende Costa, D. Serafim Fernandes e D. Arnaldo Ribeiro —, viajaram para suas dioceses o Bispo de São João Del Rei, D. Antônio Mesquita; o de Guaxupé, D. José Alberto Lopes de Castro; o Arcebispo de Brasília, D. José Freire Falcão, e seu auxiliar, D. Geraldo de Ávila e o vigário castrense, D. José Newton. O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Salles, também optou por estar em sua Arquidiocese, por temer, no caso de morte de Tancredo, que haja um momento de grave comoção popular.



Apoiada em um mural que retrata o martírio de Tancredo Neves, uma senhora chora e reza pelo Presidente em frente ao hospital